

0



*Claudia Pía Baudracco
e María Belén Correa
em foto do acervo do
Archivo de la Memoria
Trans de Argentina.*

ARCHIVO DE LA MEMORIA TRANS DE ARGENTINA
* MARIA BELÉN CORREA * SERGIO ADRIANO H. *
FRED ITIOKA * CECILIA PALMEIRO * FERNANDA
LAGUNA * THÁSSIO FERREIRA * VINI RIGOLETTO *
FELIPE RIBEIRO * JEAN CÂNDIDO BRASILEIRO
CASA QUEER

SUMÁRIO

SÉRGIO ADRIANO H. A arte me deu o poder de sonhar <i>Por Vini Rigoletto</i>	6
AFBNDES Compromisso com a diversidade e a inclusão <i>Por Paulo Ortega e Rosana Nascimento</i>	14
FRED ITIOKA Escuta por trás das Cartas <i>Por Felipe Ribeiro</i>	21
MEMÓRIA QUEER	29
ARCHIVO DE LA MEMORIA TRANS DE ARGENTINA Memórias de peles <i>Por Jean Cândido Brasileiro</i>	30
VINI RIGOLETTO Entre arquivos, montagens e narrativas	37
CECILIA PALMEIRO E FERNANDA LAGUNA A maré só faz crescer	42
THÁSSIO FERREIRA	48

EDITORIAL



A utopia é como aquela velha expressão: o que diferencia o remédio do veneno é a dose. Porque utopia é imaginar futuros improváveis, mas nem por isso impossíveis. Um dia, alguém sonhou num mundo mais igualitário em que a pele que habita não fosse motivo de exclusão. Da utopia para a ação foram alguns passos, alguns mais, outros menos silenciosos: uma mulher se recusando a se levantar do banco do ônibus, uma travesti que lidera uma revolução iniciada a pedradas num bar invadido pela polícia, algumas mulheres subindo em mesas de um bar para exigirem tratamento humano ou uma drag queen se deitando numa avenida para literalmente deixar o bloco passar.

A Casa Queer nasceu de uma utopia, dessa de tentar pensar nossos próprios desafios, de celebrar nossas criações artísticas e literárias, de abraçar quem às vezes não tem um abraço em casa. Mas também de fabular novas realidades, de demonstrar não só nossos afetos, mas também nossa indignação, de mostrar que somos bons criando, administrando negócios, pilotando carros, aviões ou navios. É aquela lógica do *Clube da Luta*: Não se esqueçam de que estamos em todos os lugares, ou seja...

Desde 2023, quando realizamos nossa primeira edição até este 2026, pessoas se aproximaram, amizades foram construídas, até



mesmo relacionamentos amorosos nasceram de quem se conheceu em nosso jardim, não é, Felipe? Já tivemos também que nos despedir de alguns, como o editor Gilberto Nogueira, da Editora Devires e da Queer Livros, mas seguimos aqui, honrando legados e agradecidos pela confiança que sempre nos depositam.

Este ano, decidimos criar essa edição piloto da revista Q! para ser lançada na nossa Casa. Para esta edição 0, convidamos o poeta carioca Felipe Ribeiro para entrevistar o jornalista Fred Itioka, autor de *Cartas fora do armário*, um livro que tem feito sucesso por onde passa. A entrevista foi uma forma de escutar quem está por trás do projeto e quais foram suas inspirações. Nossa matéria de capa é sobre o Archivo de la Memoria Trans de Argentina, um projeto de arquivo importantíssimo para a comunidade, fundado pela ativista Maria Belén Correa.

O produtor cultural e curador Vini Rigoletto foi convidado para entrevistar o artista Sérgio Adriano H., provocando-o a falar sobre seu trabalho, suas influências e seu ponto de vista sobre arte, sociedade e racismo. Aproveitamos para também falar um pouco do trabalho do próprio Vini, em sua atuação à frente das exposições do Instituto Moreira Salles.

Para fechar esta edição, reproduzimos a introdução do livro *Mareadas na Maré: diário íntimo e alucinado de uma revolução feminista*, das ativistas argentinas Fernanda Laguna e Cecilia Palmeiro. E, ao final,

um texto inédito do poeta Thássio Ferreira, que já esteve na produção e curadoria da Casa Queer, em nossa primeira edição de 2023.

Estamos chamando esta edição da revista de “número zero”, porque é o ponto de partida para o que pretendemos dessa publicação. Se você a tem em mãos, guarde-a com carinho. Quem sabe em alguns anos não será uma relíquia de uma utopia bem sucedida ou simplesmente um souvenir de um momento bonito?

Espero que ambos.

Com um beijo carinhoso,

Jean Cândido Brasileiro
Julho de 2026

A revista Q! número 0 é uma publicação das Edições Cândido.

Editor: Jean Cândido Brasileiro

Agradecimentos:

Aos amigos e parceiros: João Corrêa, Sandra Recalde, Paula Curi, Izabel Oliveira, Cristina Fürst, Kitty Fernandes, Alexandre Carvalho, Caio Espósito, Paulo Ortega, Rosana Nascimento, Bárbara Krauss, Renan Quinalha, Fernando Spaziani, Matheus Nahas, Vera Ronzella / Alexandre Santucci, Alexandre Bonafin, Mario Oliveira, Felipe Ribeiro, Fred Itioka, Maria Belén Corrêa, André Kraieski, Sérgio Adriano H., Antonio K. Valo, Jefferson Nubile e Aimara.

Às empresas e instituições: Sebrae Rio, AFBNDES, Casa Fluida, Alas-tra, Editora O Sexo da Palavra, Editora PEL, Ponto Q/ Atelier João Corrêa, Paraty Wine, Paraty Tours, Áta-me, JMV Impressos, Poc Con.

**Assessoria
de Negócios**



Que tal ter a assessoria de alguém que entende a realidade do seu negócio?

Receber uma visita do Sebrae é uma ótima oportunidade. Você não paga nada e tem soluções sob medida para a gestão da sua empresa. Agende uma visita com um dos nossos assessores de negócio e aproveite!

**Acesse
e saiba mais:**



Assessoria de Negócios Sebrae.
Mais perto de você para sua empresa ir mais longe.

[!\[\]\(83f22ed94ec5517769dd76d702c6bfd8_img.jpg\)](#) [!\[\]\(58518edde73d42d67a35a8ed26134c7b_img.jpg\)](#) [!\[\]\(256548e00e7fa4879dddf376cbbab973_img.jpg\)](#) [!\[\]\(4df0d38cb8d3da3858f8bf3819cfafd3_img.jpg\)](#) [!\[\]\(3142f7700a5d6518d5cf10f0bab07884_img.jpg\)](#) [!\[\]\(d46f7b261e2ba3b43d43fff9480af613_img.jpg\)](#) [!\[\]\(6a5b5d88edafb44973703afe222eb435_img.jpg\)](#) /sebraerj

[!\[\]\(8d0f0e0fe25b320c33272c52aec1fbca_img.jpg\)](#) (21) 96576-7825 [!\[\]\(c1e4487e48462435243c9e117557e045_img.jpg\)](#) 0800 570 0800



Sérgio Adriano H.

A ARTE ME DEU O PODER DE SONHAR

Vini Rigoletto

Nascido em Joinville (SC), artista visual, fotógrafo e pesquisador, Sérgio Adriano H construiu uma trajetória marcada pela insistência em ocupar espaços historicamente negados a corpos negros. Em sua obra, memória, filosofia, história e experiência pessoal se entrelaçam para questionar narrativas de exclusão e afirmar o direito ao sonho.

Para ele, a arte não é apenas um espaço de denúncia. É um espaço de imaginação, emancipação e construção de futuros possíveis. Afinal, como ele próprio afirma, o maior gesto de resistência talvez seja permitir-se sonhar, e transformar esse sonho em realidade.

Você nasceu em Joinville, uma cidade marcada pela hegemonia branca. Como esse território moldou sua produção artística?

Sérgio Adriano H: Eu sou filho de uma mãe preta e de um pai branco. Cresci numa família muito simples, onde ninguém tinha feito faculdade. A arte entrou na minha vida quase por acaso. Eu era atleta, fazia 400 metros com barreira, e queria cursar Moda. Quando fui prestar vestibular, descobri que precisava saber desenhar. Reprovei e comecei a estudar desenho e História da Arte na Casa da Cultura de Joinville. Foi lá que um colega me perguntou por que eu estudava arte. Eu disse que queria ser artista e ele respondeu: "Você sabe que homens da sua cor não fazem arte, né?". Aquilo ficou na minha cabeça. Comecei a procurar artistas negros nos livros de História da Arte e não encontrava ninguém. Em vez de desistir, transformei aquilo em combustível. Tudo isso aconteceu porque alguém disse que homens da minha cor não faziam sucesso em arte. Eu transformei isso em estímulo. Hoje olho para trás e vejo como minha infância foi atravessada pelo racismo. Eu era chamado de "preto

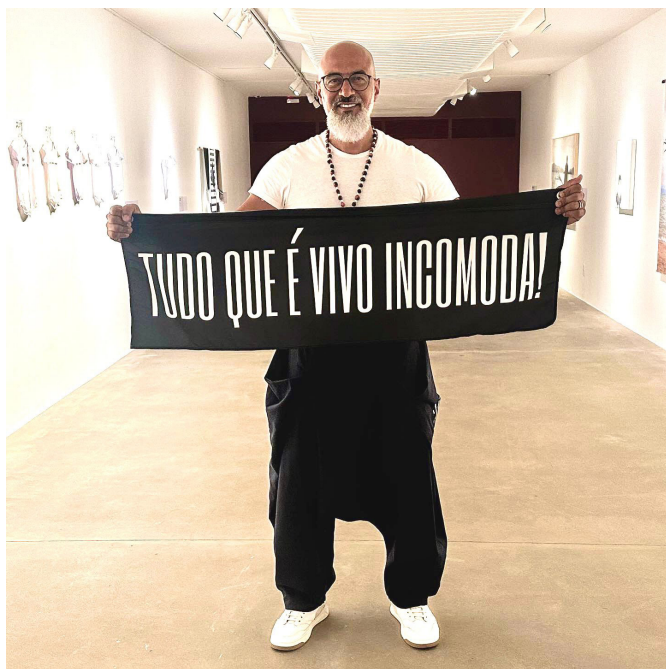
encardido" todos os dias na escola. O racismo estava em muitos lugares, mas raramente era dito de forma explícita. Era um racismo que te deixava de lado.

Em que momento você percebeu que a arte poderia ser uma ferramenta de enfrentamento político?

Quando comecei a participar dos salões de arte. Eu percebia o estranhamento das pessoas diante da minha presença. Eu entendi que não precisava falar para incomodar. Só o meu corpo naquele ambiente já era uma fala. No atletismo havia muitos corpos negros. Na arte eu quase não encontrava ninguém parecido comigo. Minha presença já questionava aquele espaço. Só a minha obra sendo reconhecida como obra de um homem negro já era um incômodo. Foi ali que compreendi que meu corpo também fazia parte da obra.



DIREITO
DAS
OBRIGAÇÕES



As artes visuais e a filosofia parecem influenciar profundamente sua prática. O que significa transformar seu corpo em manifesto?

Minha pesquisa gira em torno da ideia de verdade. Depois da morte da minha mãe, comecei uma investigação sobre o que chamamos de verdade e como determinadas narrativas são construídas. O racismo é uma verdade apresentada. Ele foi tão bem apresentado que as pessoas acreditam nele. Quando utilizo meu corpo, não estou falando apenas de mim. É um corpo que sempre foi apagado, mas que agora se ma-

nifesta. Meu corpo é um mecanismo para ativar perguntas. Não quero entregar respostas prontas. A arte me tirou da posição de alguém que responde perguntas e me transformou em alguém que formula perguntas.

Seu trabalho trata frequentemente da invisibilidade e do apagamento histórico. Existe alguma obra ou momento que considera um divisor de águas?

Sim. A morte da minha mãe foi decisiva. A série Portador da Verdade mudou completamente meu modo de pensar. Outro momento importante foi ver

uma grande exposição de Rosana Paulino. Eu já tinha visto muitas exposições, mas nunca tinha visto uma pessoa negra ocupando aquele lugar com tanta força. Aquilo me mostrou que era possível. Também foi fundamental mudar para São Paulo. Em Joinville eu corria o risco de morrer enquanto artista. Em São Paulo encontrei pares, referências e diálogo.

Você acredita que artistas negros LGBTQIAPN+ enfrentam desafios específicos dentro do sistema da arte?

Sem dúvida. Eu sou um homem negro, gay, de origem popular e sem os mesmos acessos que muitos artistas tiveram. Eu preciso provar o tempo inteiro que sou artista. Por isso meu currículo aparece logo na apresentação do meu trabalho. Eu preciso dizer primeiro o que já fiz para depois as pessoas acreditarem no que faço. Há um desgaste permanente. Se eu fosse uma pessoa branca com um quarto do meu currículo, provavelmente já teria explodido.





Quais autores, pensadores e artistas acompanham seu processo criativo?

Frantz Fanon é uma referência importante. Também Grada Kilomba. Entre os artistas, Rosana Paulino, Eustáquio Neves, Sônia Gomes e Renata Felinto são fundamentais. Mas minha pesquisa não acontece apenas nos livros. Eu entendi que não sou apenas artista. Sou um pesquisador da história."

Grande parte do meu trabalho nasce da investigação dos lugares onde ocorreram apagamentos históricos da população negra.

O que você espera que o público leve consigo ao conhecer sua obra?

Eu espero que as pessoas sonhem. Meus pais não me ensinaram a sonhar. Quem me deu o poder de sonho foi a arte. Quero que uma criança encontre meu nome em um livro de História da Arte e perceba que alguém disse que aquele lugar não era para ela, e que mesmo assim ela pode ocupar esse espaço. Quando a pessoa vai à minha exposição, eu quero dar a ela o poder do sonho. Mas não apenas sonhar. Sonhar e se colocar em movimento para

transformar esse sonho em realidade.

O tema da Casa Queer na FLIP deste ano é "Múltiplas vozes, diversos olhares". O que essa frase desperta em você?

Ela me faz pensar em acesso. Percebi isso quando descobri que meu próprio irmão nunca tinha entrado em um museu, mesmo tendo um irmão artista. Por isso comecei a realizar exposições na rua. Quando você pensa, você começa a ter voz. Meu trabalho busca justamente isso: criar condições para que as pessoas se expressem e construam seus próprios pensamentos. Não quero que as pessoas apenas repitam o que lhes foi dito. Quero que se manifestem como pessoas pensantes. E talvez exista uma frase que sintetize tudo isso: Tudo que é vida incomoda.

Conheça mais o trabalho do artista nas redes sociais:
@sergio_adriano_h

COMPROMISSO COM A DIVERSIDADE E A INCLUSÃO

*A trajetória da Comissão LGBTQIAPN+ da
AFBNDES e a parceria com a Casa Queer*



Fundada em 1954, a AFBNDES tem como objetivo principal congrega os funcionários, funcionárias e funcionáries do BNDES. Ao longo de sua existência, a entidade tem se caracterizado pela defesa dos interesses de seus associados e do papel do BNDES como agente fortalecedor da economia brasileira, vital para o processo de desenvolvimento econômico e social do País.

EM 2023, coletivos formados de maneira orgânica e por afinidade nasceram para impulsionar a diversidade e a inclusão no Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social — BNDES. Tais grupos conseguiram abrir espaço junto à administração do Banco para dialogar e apresentar propostas a partir do início daquele ano. A tese desses coletivos sempre foi que o desenvolvimento econômico e social não pode prescindir da valorização da diversidade de visões e perspectivas e da inclusão de grupos historicamente excluídos em políticas públicas.

Nesse contexto, foram criadas as comissões de diversidade da AFBNDES. Essas comissões têm trabalhado em parceria com o BNDES para avançar na construção de políticas voltadas para a temática e, aqui, queremos contar, especialmente, sobre a pauta LGBTQIAPN+. Tem sido um trabalho de união, comunidade, parcerias, voluntariado, estudos, partilhas e muita dedicação para que pessoas do coletivo sejam valorizadas e atendidas em suas demandas no sentido de uma cidadania plena de direitos, seja dentro do Banco ou junto ao seu público de atuação.

Sabemos dos desafios diários enfrentados por pessoas

LGBTQIAPN+ com violências físicas e psicológicas em ambientes educacionais, no trabalho, na família, além de questões de acesso à saúde. Esse modelo de sociedade também se reproduz nas instituições de forma geral. Dessa maneira, a partir do ambiente receptivo surgido em 2023, tivemos um evento histórico no BNDES, em junho daquele ano, intitulado “Orgulho de ser e pertencer – visibilidade LGBTQIAPN+ no BNDES”. O encontro foi repleto de reflexões e trouxe letramento na temática para todo o corpo funcional do Banco. Momento histórico porque foi a primeira vez que o assunto foi tratado abertamente de forma coletiva, destacando que o BNDES tem um papel muito significativo nessa agenda.

Desde então, outras ações de letramento foram realizadas na instituição, além de iniciativas voltadas ao posicionamento corporativo de que visibilidade, respeito e inclusão na temática LGBTQIAPN+ importam ao BNDES, incluindo iniciativas como revisão de regras de vestimenta, adequação de espaços como banheiros acessíveis e inclusivos e priorização de vagas para esse público em mentorias dentro de programa de estágio. Todas as

ações aconteceram com o apoio da Comissão LGBTQIAPN+ em sua idealização e/ou construção.

E foi uma feliz sincronicidade a estreia da *Casa Queer* na FLIP em 2023, mesmo ano em que a AFBNDES acolheu as comissões de diversidade dentro de sua estrutura organizacional, onde hoje temos, além de uma Diretoria de Diversidade, Comissão de Prevenção e Combate ao Assédio e à Discriminação, Comissão de Mulheres, Comissão de Raça e Etnia, Comissão de PcDs e responsáveis por PcDs, Comissão

LGBTQIAPN+ e Comissão de Terceirizados. Cada comissão é composta por funcionários, funcionárias e funcionáries do BNDES que, de forma voluntária, atuam estudando, estruturando e acompanhando propostas para apoiar a gestão do BNDES no sentido de ser uma instituição mais diversa e inclusiva.

Desde 2023, a AFBNDES tem apoiado a *Casa Queer* e a *Casa Poéticas Negras* na Festa Literária Internacional de Paraty em todas as edições em que as casas estiveram presentes. Em novem-

A VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE E DA INCLUSÃO É ESSENCIAL PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL DO BRASIL.

bro de 2023, a então vice-presidente da AFBNDES, Pauliane Oliveira, destacou que a valorização da diversidade e da inclusão é essencial para o desenvolvimento econômico e social do Brasil. Segundo ela, a participação da entidade na FLIP refletia essa visão e esse compromisso, materializados por meio da cultura como uma ferramenta revolucionária nesse sentido.

A governança da AFBNDES foi se organizando a partir daquele ano, quando diversidade e inclu-

são passaram a ter mais espaço para reflexão e articulações. A partir de julho de 2024, a entidade passou a contar com uma Diretoria de Diversidade e Inclusão, atuando especificamente na coordenação do trabalho das comissões. Muito temos vivenciado nesses grupos: fortalecimento de afinidades, apoio e acolhimento diante do desafio que é usualmente trabalhar nessas pautas, aprendizados e partilhas, incômodos e alegrias. Mas podemos destacar que os sentimentos de



Paulo Ortega - Diretor de Diversidade e Inclusão da AFBNDES - Julho/2024 a Junho/2026, e Rosana Nascimento - Diretora de Diversidade e Inclusão da AFBNDES - a partir de Julho/2026 até Junho/2028.

orgulho, empatia, comunidade, além do fortalecimento de identidades, têm sido uma base que nos sustenta nesse movimento coletivo.

Ter a AFBNDES presente na FLIP 2026, apoiando essas casas de luta e resistência, muito nos orgulha e permite acreditar que mudanças são possíveis, que novos caminhos se abrem quando estamos unidos e atentos às possibilidades. A cultura é esse espaço, pois nos conecta com nosso ser e estar no mundo, com ideias que podem transformar nossas vidas. E pensando no que é tra-

balhar num Banco dedicado ao desenvolvimento econômico e social do Brasil, isso representa uma terra fértil para que possamos atuar mobilizando esforços, levantando reflexões e chamando para a ação nos espaços possíveis. Em cada projeto, iniciativa e reunião de trabalho, há a possibilidade de levar outras perspectivas que inspiram políticas para incluir na pauta do desenvolvimento os grupos historicamente excluídos. Temos diferentes grupos, cada um com suas características. Mas nosso propósito é trabalhar de forma conjunta,

especialmente refletindo sobre as interseccionalidades, considerando que discriminações ou privilégios não podem ser tratados de forma isolada.

Nossa conexão com essas casas nos leva também a celebrar nossa identidade, individual e coletiva, como pessoas atravessadas pelos impactos de pertencer a grupos minorizados. Apoiar as casas fortalece nossa existência. Na AFBNDES, a pauta da diversidade e da inclusão foi inicialmente cuidada pela vice-presidente Pauliane Oliveira, depois pelo diretor Paulo Ortega, e seguirá em continuidade na gestão da entidade que se inicia em julho de 2026 com a diretora Rosana Nascimento. Importante destacar que a diretoria da entidade é eleita pelo voto de seus associados e, independentemente da gestão, o trabalho tem sido realizado com muita parceria entre quem já esteve na gestão e quem chega, o que também é um orgulho para nós que sabemos que espaços de poder nem sempre contam com tamanha colaboração entre diferentes gestões.

Como AFBNDES, desejamos ser um canal de escuta, acolhimento e compartilhamento de ideias tanto voltado para o corpo funcional do BNDES quanto para a sociedade de maneira geral, em

propostas relacionadas à diversidade e à inclusão.

Participar dessa publicação significa acolhimento e conexão, nos permitindo ser e pertencer como um coletivo que atua com união, propósito e intencionalidade para facilitar a caminhada de novas gerações. E para trazer esse sentimento de pertencimento, compartilhamos, a seguir, depoimentos em formato de poesia de quem segue junto nessa vivência.

estruturalmente
julga
mente
desculpas
julga
novamente

Juliana Cruz

afeto
amar
quem
quiser
sem
medo

Paulo Ortega

que
você
possa
sempre
escolher
ser

Renata Del Vecchio



Público reunido na Casa Queer + Paratodes Paraty após mesa com a escritora Amara Moira, em 2025.

tolerância
aceitação
acolhimento
abraço
encorajamento
liberdade

Rodrigo Macedo

pertencer
começa
quando
ninguém
precisa
caber

Rodrigo Mafort

caminho
floreio
desmorono
remexo
parto
transformo

Rosana Nascimento

Mais informações sobre as ações do BNDES em diversidade, equidade e inclusão podem ser acessadas em www.bndes.gov.br.

Reforçamos que ainda há muito a avançar, mas celebramos cada passo e os resultados desse trabalho conjunto.

Este texto foi escrito a partir de depoimentos são de funcionários e funcionárias do BNDES.



Felipe Ribeiro

ESCUOTA POR TRÁS DAS CARTAS

Uma entrevista com Fred Itioka

O jornalista paulistano Fred Itioka trabalha desde muito jovem em veículos de rádio e TV. Há alguns anos é roteirista do programa *Altas horas*, da Globo, o histórico programa comandado por Serginho Groisman. Foi durante a pandemia da covid que, isolado de seu pai, se surpreendeu com um telefonema em que disse: “Eu te amo”. Não se lembrava, em 50 anos de vida, de ter dito isso ao pai. Esse foi o estopim para que buscasse outros homens gays para perguntar simplesmente se sentiam a mesma coisa. As respostas se tornaram uma investigação de histórias e as histórias deram início a um projeto de êxito, o livro *Cartas fora do armário*, lançado em novembro de 2023, numa Livraria da Vila repleta com fila dobrando o quarteirão. Às vésperas de lançar *Cartas além do armário: novas vozes LGBTQ+*, um complemento ao primeiro, o jornalista conversou com o poeta carioca Felipe Ribeiro e falou sobre suas aspirações, inspirações e afetos.

A entrevista foi realizada por videoconferência no dia 28 de junho, dia Internacional do Orgulho LGBTQIAPN+. Como a conversa foi longa e não caberia integralmente no espaço da **Q!**, o editor de Fred decidiu publicá-la como anexo do novo livro.

>>

[A PRIMEIRA PERGUNTA *que fiz ao Fred foi: “Quem é Fred Itioka?” Iniciamos a entrevista, mas tive um problema técnico com o gravador. A primeira resposta ficou na minha memória; retomamos em seguida].*

Felipe Ribeiro: Você tinha dado uma resposta tão bonita! Você disse: “Tento responder essa pergunta, quem é Fred, há 55 anos.”

Fred Itioka: É uma pergunta que eu não sei se encontrei a resposta ainda. Eu tendo a ser não linear na minha vida, embora eu tenha sido criado para ser linear, para seguir um caminho reto. Fui reparando que, na minha vida, nada funcionava em linha reta, porque eu sempre fui me desviando pelos atalhos, pelos caminhos mais tortuosos. Não sei se foi uma escolha consciente, mas foram escolhas que a minha curiosidade e a minha intuição me levaram a fazer. Então, quando eu achava que sabia quem eu era, vinha um obstáculo ou uma transformação para desconstruir tudo aquilo que eu achava. Mas, nascido nos anos 70, época da ditadura, de uma família nipo-brasileira, com essa cultura asiática, eu achava que tinha um caminho muito programado a seguir: crescer, estudar, trabalhar. Só que, no

meio desses verbos, existiam todas as outras surpresas da vida, e eu fui vendo que não me encaixava nisso, o que foi dificultando essa definição de quem eu era.

Fui o bom filho, e acho que sou até hoje, mesmo diante de todas as questões LGBTs e dos enfrentamentos. Acho que fui o bom aluno porque, na minha cabeça, na época, eu achava que não era justo com a minha família eu não ser um bom aluno, sabendo que tínhamos uma condição social muito desfavorável. Se meus pais não tiveram acesso à educação e eu tinha, então eu achava que essa era a minha missão, o meu objetivo. E fui, de uma forma muito autocrítica. Eu me cobrava muito. E isso talvez seja um dos traços da minha personalidade que eu, feliz ou infelizmente, carrego até hoje.

Na adolescência veio aquele limbo de não pertencimento, que carrego até hoje, principalmente por ser amarelo no Brasil. Um sentimento que significa que você não é japonês o suficiente no Japão e não é brasileiro o suficiente no Brasil. Minha adolescência foi uma adolescência de limbos. Eu não tinha outra definição de mim a não ser coisas muito autodepreciativas, uma autoestima muito baixa. Não tenho lembrança dos meus 13

anos, foram apagados. Eu inexistia, aos 13, 14 anos, por conta das violências homofóbicas e raciais na escola. Então continuei sendo um bom aluno para não decepcionar minha família e tentar ter, no futuro, uma vida profissional e econômica diferente da que eu tive. E, ao mesmo tempo, em termos de sexualidade e de personalidade, eu me achava um lixo e tentava compensar uma coisa com a outra.

Hoje, aos 55, vendo toda essa trajetória de violências, de re-

construção e também de quebra de tudo aquilo que tentaram me definir, eu me defino como uma pessoa feliz, com aquele adendo de “apesar de tudo”. Tenho um olhar otimista para a vida, para a existência e, principalmente, para as pessoas. O que sou hoje é reflexo de uma construção de comunidade, de coletivos, de pessoas que foram surgindo na minha vida como salvadores: amigos, professores, literatura e arte. Se eu posso chamar a arte de amiga, a arte é uma amiga.



O que a literatura representa para um jornalista que está estreando nela? O que só pode ser dito com a palavra impressa?

Intimidade e afeto. Acho que a literatura tem algo só dela: ser a sua amiga naqueles momentos que não são postados em redes sociais. Pode ser a melhor companhia nos dias de tempestade e nos dias ensolarados. No meu caso, é uma face oculta de mim mesmo. Acho que a literatura é a nossa face oculta, às vezes sem que a gente saiba, e a gente acaba descobrindo. Gosto da comunicação pelo fato de ela permitir a troca; para mim, comunicação é isso, é diálogo. Existem comunicações diferentes em diferentes veículos e ferramentas, mas o

DNA da comunicação, para mim, é a troca e a possibilidade de aprender com o outro, de ouvir as histórias do outro.

Em relação ao *Cartas*, sinto que essas vozes trouxeram histórias que precisavam ser contadas, e talvez a única forma de encontrarem oxigênio para entrar em ebulição fosse através da palavra escrita, não do audiovisual. Não sei se funcionaria do mesmo jeito.

Acho que a escrita é um ato de você com você mesmo. Escrever a carta é estar no seu universo e pôr para fora.

Penso que o *Cartas* é um livro documental, de cunho nitidamente autobiográfico. Reafirmo a importância do *Cartas* como aspecto biográfico e como um documento de um recorte de vidas de pessoas marginalizadas, a partir de um experimento que você propôs no tempo e no espaço. É um registro de uma época em primeira pessoa. E a primeira pessoa é muito forte, é o que permite essa conexão emocional que você quis fazer.

Tem muita gente, principalmente amigos, que falam: “Ele é escritor, escritor, escritor”, e eu não consigo vestir essa palavra. Eu digo que sou um jornalista, um repórter, e foi minha alma de repórter que me levou a isso. O Jean Cândido (editor) uma vez



No lançamento em São Paulo (2024).

me disse que ficou muito feliz de me ver como escritor andando pela Flip, e eu fiquei sem reação, porque tenho muito orgulho de ser, e sei que sou, um ótimo repórter. E, para mim, ser um ótimo repórter é ouvir o outro, é contar uma história através do meu próprio silêncio.

Quem faz isso muito bem é o Caco Barcellos, que provoca a pessoa a falar através do silêncio dele; e documentaristas como o Eduardo Coutinho sabem que



o silêncio faz parte, que a autoria às vezes se faz através dessa ausência. Às vezes preciso estar ausente para que o outro consiga se comunicar. Meu silêncio é uma comunicação. Aprendi isso observando essas pessoas.

Você escreveu que, pela primeira vez, em 50 anos, disse “pai, te amo” durante a pandemia, o que confirma o quanto essa incomunicabilidade durou, porque você sentiu que não era o momento. Mas, olhando para seus entrevistados, percebe-se que essa mesma incomunicabilidade gerou um sofrimento psíquico grande. Então te pergunto, baseado na sua própria experiência em contraste com a da maioria dos entrevistados: a incomunicabilidade é uma forma de violência, ou ela também guarda uma certa paz?

É a paz na violência. Acho que a falta de comunicação gera abismos, e você fica pulando entre eles, andando à margem das coisas, pelas sombras. No meu caso, e no de muitos deles, a falta de comunicação com meu pai também gerou muitos questionamentos, conforme fui me identificando como um ser político.

Não falar parecia um retrocesso, como se fosse motivo de

vergonha, ou de medo, como se eu não tivesse orgulho de quem sou, como se eu não formasse uma família. Essas questões vinham à tona o tempo todo. Estar em silêncio diante do meu pai, ir aos almoços de domingo sem levar meu marido, como se eu fosse um homem solteiro, assexual, era muito doloroso. Era horrível dizer ao meu marido “vou passar o Natal com meus pais, depois eu volto”, é horrível, parece que a gente não era uma família, sendo que somos. Era aquela paz na guerra: parecia que estava tudo bem, mas não estava. Para o bem-estar deles havia paz, mas, internamente, para mim, era uma guerra horrível. Essa guerra interna machuca muito. Perdi a conta de quantos domingos fui à casa dos meus pais sem levar meu marido. É uma paz, todo mundo sentado à mesa, “passa a maionese”, mas paz para quem? A que custo? Com quantos feridos?

Já que a gente começou falando sobre comunicação e terminou falando sobre não comunicação: o que mais você quer comunicar, daqui para frente, na sua vida profissional como jornalista e na sua vida pessoal?



Com o pai em 2026.

Eu carrego angústias diárias, e o que vai me levar a um próximo projeto será um pouco norteado por elas. O que me angustia, o que não acho justo, de que forma posso contribuir com meu trabalho e minha criatividade para ajudar gerações que vivem em sofrimento a enxergar o mundo com possibilidades.

Desde que comecei a ter esse olhar consciente, político, acredito que minha luta e minha militância política se dão através da comunicação. Foi assim com o primeiro livro, e o segundo é, de certa forma, um desdobramento

desse projeto. Cheguei a ficar na dúvida se continuaria com ele, mas fui provocado, primeiro, por leitores que achavam que devia ter mais; e, segundo, por um encontro com a Daniela Mercury, a quem fui entregar meu livro. Ela o folheou e perguntou: “Não tem história de mulher, por que não tem mulher?” Eu achava que não estava preparado, como homem cisgênero gay, para falar de histórias de mulheres. Mas pensei: e se dermos continuidade ao projeto, quem vai contar essas histórias? Serão elas.

Falei com o Jean sobre fazer um *Cartas* com outros segmentos, muitos homens gays já queriam participar de novo, mas também com lésbicas, bissexuais, pessoas trans, travestis, não binárias, e uma pessoa intersexo. Abri para outras letras da sigla. Afinal, quem são os “L”, os “B”, os “T” dessa sigla que a gente tanto usa? Acho importante que alguém que não conhece essas realidades leia, por exemplo, a carta de uma pessoa não binária, uma tia, e entenda o que isso significa. E essa é uma discussão que tenho comigo mesmo em relação à própria palavra “comunidade”: muitos homens gays não sabem, e não querem ouvir, as histórias das travestis; muitos não se importam com as histó-



No lançamento em Brasília (2025).

rias das mulheres lésbicas. Por que a gente vai continuar sendo tão autocentrado, falando só de si? Quero que o homem gay leia a carta de uma pessoa bissexual, que se sensibilize com a história de um homem trans. Continuei com essa curiosidade sobre essas histórias, e decidi manter o foco no núcleo familiar. Não apenas na figura paterna, mas sabendo que existem conflitos também com outras pessoas da família,

porque é ali, muitas vezes, que as primeiras violências acontecem. O segundo livro traz cartas de pessoas LGBTQs não só para o pai, ainda predomina esse conflito entre homens gays e seus pais, mas também para tios, mães e irmãos. Achei importante concentrar isso no núcleo familiar, porque é em casa que muitas pessoas apanham, fogem, são expulsas. Justamente onde deveriam encontrar amor.

São histórias de pessoas nascidas ou vivendo no Brasil, incluindo dois refugiados. Acho que esse livro dá sequência àquela preocupação que eu tinha com a multiplicidade: tem histórias de homens gays de 70 anos, pessoas periféricas, semianalfabetas, pessoas que não aparecem no censo estão ali.

Acho que você fez um trabalho muito bom, gosto muito do Cartas, e vou repetir: é uma carência muito grande que a gente tem no Brasil, essa falta de "livros doc". A história LGBT brasileira é muito pouco documentada, muita coisa se perdeu de arquivo, temos o Lamião da Esquina, mas pouco foi construído depois, por várias questões de acesso. Sinto essa lacuna: temos livros escritos por diversos grupos marginalizados, com a própria voz, não como ficcionistas, mas como sujeitos de suas próprias histórias, e falta muito isso. Compraria, por exemplo, um livro da Erika Hilton, se ela contasse como é ser uma mulher travesti, quais foram as primeiras referências dela, não temos essa referência, porque os políticos que vieram antes estavam no armário, e é difícil que saiam agora, no auge das carreiras.

Sei que existe polêmica em torno da mediação de uma história por outra pessoa, o próprio Eduardo Coutinho teve críticos que diziam que a mediação tira a naturalidade, mas acho que é melhor isso do que nada. O que o Eduardo Coutinho documentou do Brasil tem um valor enorme, imagine se não existisse *Cabra Marcado Para Morrer*.

Exatamente. Encontrei o Jean Wyllys recentemente aqui em São Paulo, na Casa Queer, e ele comentou meu livro para um casal que estava por ali. Depois, veio até mim e disse: "Eu fui pesquisar, porque sou desses acadêmicos, e não existe, no mundo, um livro como o Cartas." Fiquei meio sem reação. Ele disse: "É algo que vocês lançaram e que existe aqui, mas é único." Fiquei baratinado, difícil responder.

Os livros de Fred Itioka podem ser encontrados nas melhores livrarias ou pelo site das Edições Cândido - edicoescandido.com

RARE CANCER SEEN IN 41 HOMOSEXUALS

Outbreak Occurs Among Men
in New York and California
—8 Died Inside 2 Years

By LAWRENCE K. ALTMAN

Doctors in New York and California have diagnosed among homosexual men 41 cases of a rare and often rapidly fatal form of cancer. Eight of the victims died less than 24 months after the diagnosis

Há 45 anos, no dia 03 de julho de 1981, o jornal *The New York Times*, trazia aquela que é conhecida como a primeira notícia relacionada ao HIV/aids com a manchete "Rare cancer seen in 41 homosexuals" ("Câncer raro identificado em 41 homossexuais"). A matéria partia de um surto de Sarcoma de Kaposi, um câncer de pele raro, que acometia apenas dois a cada três milhões de pessoas nos Estados Unidos. Nos pacientes diagnosticados, com idades entre 26 e 51 anos, observou-se um fator comum: o fato de todos serem homens homossexuais.

A associação entre o novo vírus e a homossexualidade foi tão

presente nos primeiros anos que a doença chegou a ser conhecida pela sigla GRID (Gay-Related Immune Deficiency ou Imunodeficiência Relacionada a Gays), mas um ano depois, em 1982, já havia sido renomeada para AIDS (Acquired Immunodeficiency Syndrome - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida).

Ser relacionada a homossexuais em seu início atrasou em pelo menos 5 anos ações efetivas do governo estadunidense, epicentro da doença no Ocidente. Essa letargia não é um produto ocasional.

Essa estigmatização está intimamente ligada ao fato de que as relações sexuais foram o principal meio divulgado de infecção e disseminação do vírus, fazendo com que o surgimento da doença servisse com precisão ao empenho conservador de deslegitimar as lutas por direitos da comunidade LGBT+ e cuir.

MEMÓRIAS DE PELES

Por Jean Cândido Brasileiro

Fotos: Acervo AMT - Archivo de la Memoria Trans de Argentina



Na Argentina, o Archivo de la Memoria Trans (AMT) transforma o espólio de uma amiga falecida em museu vivo da memória trans e travesti, resgatando histórias que os diversos tipos de violência tentaram apagar.



ANTES DA VIDA DIGITAL e das redes sociais, um álbum de fotografias era muitas vezes motivo de reunião familiar. Hoje, sob a rotina de Facebook e Instagram há pelo menos duas décadas, esse gesto parece coisa de outro tempo. Mas dos retratos profissionais de casamento aos pequenos álbuns de viagem, a memória sempre ocupou um lugar de honra dentro de casa.

O problema é que memória também é privilégio, e isso fica evidente quando olhamos para grupos que historicamente foram impedidos de guardar a própria história. Renan Quinalha explora essa ferida em *Contra a moral e os bons costumes*: A ditadura e a repressão à comunidade LGBTQ+, ao vasculhar arquivos em busca de mulheres trans e travestis perseguidas e assassinadas durante a ditadura brasileira.

Depois vieram os anos de emergência do HIV/aids na América Latina, uma tempestade perfeita que apagou ainda mais essas vidas. Doentes que dependiam da própria família para sobreviver viam obras de arte, livros, cartas e fotografias descartados como lixo, junto com os corpos que a sociedade já preferia esquecer. Reconstruir esse quebra-cabeça histórico deixou de ser opcional: é urgência.

Foi assim, quase por acaso, que as ativistas argentinas María Belén Correa e Claudia Pía Baudracco começaram a reunir memórias de mulheres trans e travestis ao seu redor. Cartas, negativos, fotos, recortes de jornal, postais, fitas VHS — objetos que, aos poucos, foram parar nas mãos de Pía, guardados como espólio de amigas que já não estavam mais lá. Quando ela morreu, em 2012, a poucos meses da san-

“QUANDO A LEI FOI SANCIONADA, HOUVE UM EMPENHO EM PENSAR NO QUE ACONTECERIA DALI EM DIANTE, E EU COMECEI A PENSAR JUSTAMENTE NO MOVIMENTO CONTRÁRIO: NO QUE HAVIA ANTES.”

ção da Lei de Igualdade de Gênero argentina, eram cerca de seis mil itens sob seus cuidados.

O acervo passou para Belén, que decidiu mergulhar de vez no projeto. “Quando a lei foi sancionada, houve um empenho em pensar no que aconteceria dali em diante, e eu comecei a pensar justamente no movimento contrário: no que havia antes”, ela conta. Nascia ali o grupo “Archivo de la Memoria Trans” no Facebook, uma tentativa de reencontrar quem tinha vivido aquela história de luta. Em 2018, já eram mais de mil mulheres trans reunidas, argentinas e estrangeiras.





O PROJETO CRESCEU ALÉM DO PREVISTO E VIROU UM ESFORÇO COLETIVO DE CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIA COMUM.

A ideia original era simples: juntar companheiras, memórias, fotografias, e preservar tudo, primeiro numa biblioteca, depois num espaço virtual. Mas o projeto cresceu além do previsto e virou um esforço coletivo de construção de memória comum. A desconfiança inicial deu lugar ao reconhecimento, e hoje o trabalho segue um processo quase ritual: recolher objetos pessoais, digitalizá-los, cruzar histórias por meio de entrevistas, e assim erguer, peça por peça, um verdadeiro museu da memória trans.

O resultado veio em forma de reconhecimento, como, por

exemplo, a presença de obras do AMT na 35a Bienal de São Paulo, em 2023, além de diversas menções honrosas e prêmios recebidos pelo projeto.

Bibliotecas em perigo

Existem realidades com as quais Belén precisou aprender a conviver, e a mais dura delas é que, para essa comunidade, o tempo é inimigo. Num território tão extenso quanto o argentino, muitas das mulheres entrevistadas têm mais de 35 anos, algumas mais de 50, e o risco de não alcançá-las a tempo é real. Para



Maria Belén Correa, fundadora do AMT.

Belén, perder uma companhia que não teve a chance de contar sua história é como ver uma biblioteca inteira pegar fogo.

É aqui que a tecnologia se torna aliada. O *Archivo* passa a capacitar mulheres trans e travestis maduras nos processos de digitalização, unindo o útil ao indispensável: devolve a elas o protagonismo de suas próprias histórias, ensina desde o manuseio básico de um computador até programas de digitalização e produção de texto, e abre caminho para que essas colaboradoras se profissionalizem na área arquivística. Atualmente, nas oficinas do projeto, trabalham sete companheiras, que capacitam, de modo virtual, outras tantas pelo país para multiplicarem a rede.

Famílias escolhidas

Há algo nesses arquivos que mistura melancolia e ternura em partes iguais, as armadilhas que só a memória sabe armar. Pessoas que não puderam contar a própria história agora são lembrados por quem ficou. E é essa ternura, justamente, que parece salvar um espaço onde sabemos existir tanta dor.

Belén lembra que, quando abriu o grupo no Facebook, começaram a reaparecer companheiras que ela não tinha notícias havia 30, 40 anos, e cada reencontro era uma pequena festa, a alegria de descobrir alguém ainda viva. Nesse gesto, o *Archivo* cumpre, à sua maneira, o mesmo

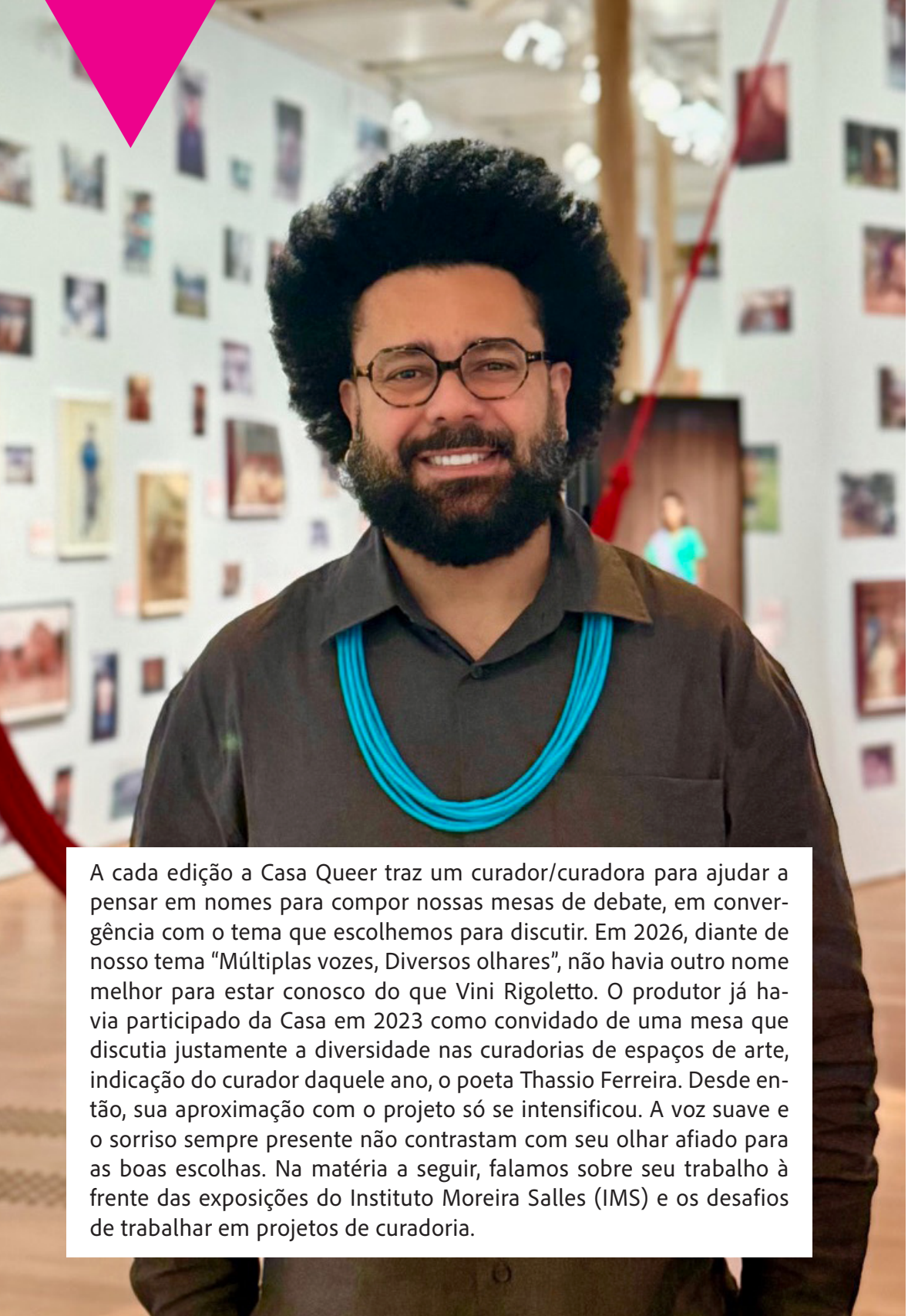


papel dos velhos álbuns de fotografia: reunir uma família que, pouco a pouco, resgata histórias e pequenos contos de vida, fragmentos que nos tornaram quem somos hoje.

Para Belén, os arquivos são documentos para que a memória não tergiverse com o futuro. Se não há provas materiais, a história vai se transformando.

O legado que ela pretende deixar é organizar um arquivo que funcione mesmo quando ela já não esteja viva. É um projeto de construção dessa memória para o futuro. "Desde o momento da criação do AMT, ele está pensando para que chegue a um futuro".

Acesse <https://archivotrans.ar>



A cada edição a Casa Queer traz um curador/curadora para ajudar a pensar em nomes para compor nossas mesas de debate, em convergência com o tema que escolhemos para discutir. Em 2026, diante de nosso tema “Múltiplas vozes, Diversos olhares”, não havia outro nome melhor para estar conosco do que Vini Rigoletto. O produtor já havia participado da Casa em 2023 como convidado de uma mesa que discutia justamente a diversidade nas curadorias de espaços de arte, indicação do curador daquele ano, o poeta Thassio Ferreira. Desde então, sua aproximação com o projeto só se intensificou. A voz suave e o sorriso sempre presente não contrastam com seu olhar afiado para as boas escolhas. Na matéria a seguir, falamos sobre seu trabalho à frente das exposições do Instituto Moreira Salles (IMS) e os desafios de trabalhar em projetos de curadoria.

ENTRE ARQUIVOS, MONTAGENS E NARRATIVAS

*O trabalho de Vini Rigoletto
nas exposições do IMS*

POR TRÁS DE UMA EXPOSIÇÃO há sempre um conjunto complexo de decisões invisíveis ao público: negociações entre curadoria, produção, acervo, arquitetura, orçamento e tempo.

Há mais de 20 anos atuando no campo cultural, Vini Rigoletto construiu sua trajetória justamente nesse espaço entre o visível e o invisível. Nascido em Campinas e radicado em São Paulo, hoje é produtor e gestor de exposições no Instituto Moreira Salles (IMS), onde participa da realização de projetos que vão do planejamento à montagem final.

Nos últimos anos, esteve à frente da produção de exposições como Arquivo Zumvi, dedicada a um importante acervo afro de Salvador; Paiter Suruí, voltada à história e à produção visual do povo indígena de mesmo nome; além de projetos relacionados à obra do fotógrafo paraense Luiz Braga, do cineasta Eduardo Coutinho e de Thomas Farkas, um dos pioneiros da fotografia moderna no Brasil.

Mais do que reunir obras, seu trabalho se concentra na construção de narrativas expositivas: como cada imagem ocupa o es-

paço, como o visitante percorre uma mostra e como diferentes materiais constroem leituras possíveis sobre um acervo.

"Uma exposição não é um conjunto de obras, mas um sistema de relações", afirma.

Essa dimensão torna-se ainda mais evidente quando observamos o próprio acervo do IMS, que reúne diferentes formas de representar o Brasil ao longo do tempo.

Duas imagens do Rio de Janeiro atravessam simbolicamente essa trajetória. Nas litografias de Johann Moritz Rugendas, produ-



Montando exposição no IMS.

"UMA EXPOSIÇÃO NÃO É UM CONJUNTO DE OBRAS, MAS UM SISTEMA DE RELAÇÕES",

zidas nas primeiras décadas do século XIX, a cidade surge como paisagem interpretada pelo olhar estrangeiro, um Brasil ainda em processo de invenção visual. Nas fotografias de Marc Ferrez, como Entrada do Rio de Janeiro, vendose o Cais Pharoux e adjacências, a cidade aparece décadas depois como espaço de circulação, comércio e modernização.

Entre essas duas imagens — uma fundada na observação e outra no registro fotográfico — desenha-se uma história das formas de representar o país. É nesse mesmo campo que atua Vini

Rigoletto: organizando exposições que não apenas apresentam imagens, mas propõem novas leituras sobre a memória, os arquivos e as narrativas do Brasil.

"Trabalhar com exposição é lidar com o tempo. O que o público vê já é o resultado de uma longa cadeia de decisões que também são narrativas", afirma.

Nos bastidores, a montagem aparece como um campo onde estética e política se atravessam. Decidir como uma obra entra em relação com outra é também decidir como um discurso se organiza.

Há ainda outra camada nesse percurso, menos visível e igualmente estruturante: quem ocupa os espaços de decisão dentro das instituições culturais brasileiras.

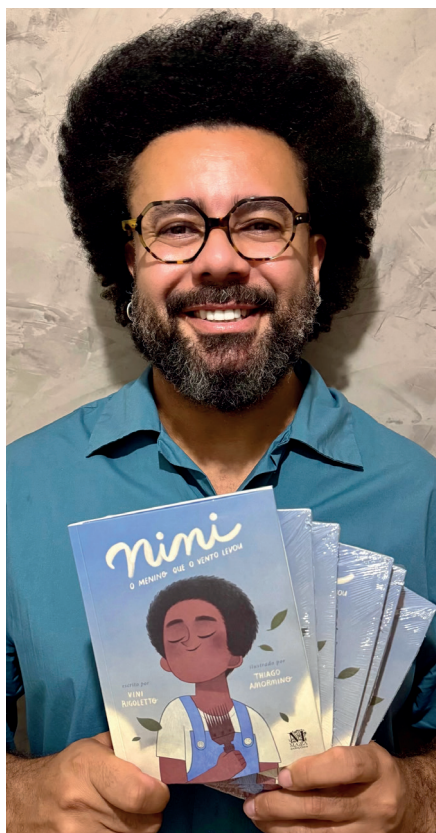
Em um campo historicamente marcado por desigualdades de acesso, a presença de um homem negro na gestão de exposições de uma instituição como o

IMS não é apenas um dado biográfico. Trata-se também de uma ampliação dos sujeitos que participam da construção das narrativas culturais do país.

Mais do que representar diversidade, essa presença atua diretamente sobre os mecanismos que definem o que é preservado, exibido e narrado.



A PRESENÇA DE UM HOMEM NEGRO NA GESTÃO DE EXPOSIÇÕES DE UMA INSTITUIÇÃO COMO O IMS NÃO É APENAS UM DADO BIOGRÁFICO. TRATA-SE TAMBÉM DE UMA AMPLIAÇÃO DOS SUJEITOS QUE PARTICIPAM DA CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS CULTURAIS DO PAÍS.



QUEM ORGANIZA AS CONDIÇÕES PARA QUE ESSAS NARRATIVAS EXISTAM HOJE?

Em 2025, Vini Rigoletto também estreou na literatura infantil com o livro "Nini, o menino que o vento levou" (Ed. Maza), com ilustrações de Thiago Amormino.

Casa Queer e o presente da imagem

A publicação desta primeira edição da revista **Q!**, lançada na Casa Queer, insere essa trajetória em outro campo de leitura: o das disputas contemporâneas em torno da memória, da imagem e da representação.

Se o acervo histórico do IMS mostra como o Brasil foi narrado ao longo do tempo, o trabalho de

Vini Rigoletto aponta para uma questão que permanece aberta: quem organiza as condições para que essas narrativas existam hoje?

Entre o arquivo e a montagem, entre Rugendas e Ferrez, entre o visível e o construído, sua atuação se estabelece como uma forma de pensamento sobre o país — uma política silenciosa da imagem.

DUAS OBRAS DA LITERATURA QUEER ARGENTINA AGORA NO BRASIL

candy



NAS MELHORES
LIVRARIAS OU
EDICOESCANDIDO.COM

A MARÉ SÓ FAZ CRESCER

Em junho de 2015, após o assassinato de Chiara Páez na Argentina, meio milhão de pessoas ocuparam as ruas de Buenos Aires para protestar. O grito era um só: “Ni una a menos”, “nem uma a menos”. Surgiu ali o movimento.

As ativistas Cecilia Palmeiro e Fernanda Laguna fizeram parte da fundação do Ni Una a Menos, que terminou atingindo dimensões continentais com replicação inclusive no Brasil.

O movimento, no entanto, não está restrito ao campo das manifestações políticas, mas também se encontra inscrito no campo da cultura.

Foi assim que, em 2017, nasceu o “Mareadas en la marea”, um projeto de arte e feminismo que se pauta nas noções do arquivismo histórico e é construído a partir de um diário, uma espécie de “anarquivo”, como afirma as duas. Unindo texto de ambas, que são escritoras, com obras da também artista plástica Fernanda Laguna, o projeto oferece um registro do movimento feminista na Argentina na última década.

Publicado em livro no país hermano, *Mareadas na maré* chega agora ao Brasil com tradução de Johari Terra e Luisa Geisler, publicada pela Lote 42.

Nas páginas a seguir, reproduzimos o texto “Carta a nossas leitoras e leitores”, escrito por Palmeiro e Laguna e que abre o livro. Além disso, algumas imagens que ilustram a obra e que fazem parte do projeto.



O PROJETO “MAREADAS EN LA MAREA” começou quando, ao participar da coletiva Ni Una Menos na Argentina, criamos artefatos estético-políticos (bandeiras, vídeos etc.) como parte de uma revolução feminista descontínua e poderosa, que já existe há séculos, mas que irrompeu mais uma vez em 2015 com fúria e paixão. Começamos a guardar esses artefatos e depois a catar coisas que outres faziam num arquivo tão louco como nossas mentes. Quando embarcamos na organização de uma primeira mostra desse material em 2017, no calor da primeira greve internacional de mulheres (logo viriam muitas outras mostras e greves), começamos a arrumar e montar constelações de sentido. A mostra

foi exibida duas vezes em 2018, e mais tarde, em 2019, escrevemos as primeiras entradas deste diário íntimo coletivo que agora compartilhamos com vocês para não nos esquecermos de tudo o que vivemos, para não perder o que fizemos nem a consciência do que foi feito.

Este é um arquivo oral fofoqueiro — ou, para usar o termo castelhano, *chismográfico* — da nossa experiência de agitação na maré feminista, desde 2015 até um encerramento que é arbitrário, mas que nos pareceu um momento de clímax.

Foi uma experiência radical e transformadora que, com a prática de organização, criação e cooperação coletiva, nos mudou para sempre. Nós nos expandi-



mos subjetiva e politicamente. No fazer juntas com milhares de companheiras e companheiros, aprendemos muitas coisas: de bloquear ruas até fazer vídeos e editar revistas, organizar assembleias, pintar bandeiras, grafitar, compor canções, preparar e ensaiar coreografias, sentar para negociar com partidos e sindicatos, nos desfrutar (e nos tolerar) ao estar juntas.

Coisas muito parecidas com o que vivemos aconteceu também a milhões de mulheres, lésbicas, travestis, trans e não binários do mundo inteiro, porque nosso sujeito político é multitudinário e transnacional. Queremos que essas histórias não se percam em nosso cérebro formatado pela tec-

nologia e erodido por fármacos. Que os detalhes que recuperamos, as energias que invocamos, as intensidades e sensações que conjuramos como sementes de futuro sigam inspirando novas gerações. Que nos juntemos para fazer memória, para não esquecer, e para que es leitories revivam o que lhes aconteceu, ativando novos processos de rememoração. Convocamos nossas memórias (de nós duas e as de vocês) para escrever nossa história. A nossa é parcial, pessoal e alucinada/alokada, e reivindicamos a multiplicidade que vem de baixo, da memória que se constrói entre amigas e amigos, inclusive nas suas versões diferentes. Esses relatos (as histórias, piadas, fofocas) gravam a ferro e fogo a lembrança, como quando uma pessoa se esquece completamente de algo que fez, mas as amigas contam, e aí a pessoa se lembra.

Com a prática da escrita coletiva na Ni Una Menos, incorporamos uma língua de trincheira, afiamos nossa língua de lokas no sentido do acorpamento [acuerpamiento] de combate. Agora quisemos levar essa potência para um registro mais íntimo e subjetivo, para a literatura, por meio da qual infiltramos a ficção como técnica para escrever a

memória e, assim, passar de um “yo” ou dois para um “nosotras”. Inventar uma literatura de nós mesmas, do sujeito múltiplo de uma vida comum.

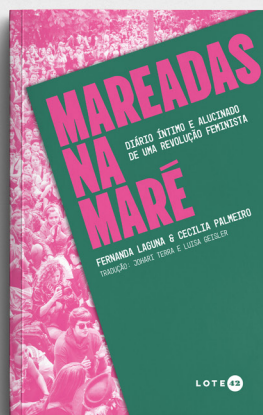
Este livro não é um fechamento nem encerramento dessa experiência. Pelo contrário, é uma nova indagação numa dimensão da escrita, numa nova variante das línguas das lokas, entre o amor e a guerra. Aprofundamos nossa amizade politicamente até criarmos um corpo coletivo na escrita: um acorpamento para além do amor romântico e da família, igualmente intenso mas ainda mais poderoso. A amizade entre mulheres como vínculo revolucionário.

Mareadas na maré se organiza no diário propriamente dito, num epílogo e numa seção de documentos disponíveis online. Agradecemos à maré feminista global por tanta felicidade e às companheiras e companheiros que compartilharam conosco seus arquivos (documentos, ações, fotos, canções, movimentações), que são os materiais que juntamos aqui.

Terminamos de escrever este diário em abril de 2022, enquanto montávamos a sexta versão da mostra no Drawing Center de Nova York, ao passo que vocês padeciam do terror bolsonarista



e nós tínhamos uma espécie de respiro (o governo de Alberto Fernández, integrante do campo peronista, considerado progressista no cenário político argentino). Ele acabou sendo um fiasco de machinho disfarçado de feminista e acelerou a chegada do fascismo. O livro foi publicado pela primeira vez em 2023 na Argentina, enquanto tentávamos de todo jeito que Milei não ganhasse as eleições presidenciais, meses antes do começo do colapso total do nosso país num pesadelo que ainda hoje, em 2026, não terminou. Nosso projeto (exposto agora no Museu Malba em Buenos Aires e em breve no Museu Reina Sofía



em Madri) se incorporou desde então à luta antifascista local e internacional, com a esperança de ser ativado também em outros territórios, especialmente em nosso amado Brasil, contrabandeando ideias, utopias, práticas e experiências. Nós feministas argentinas sofremos e festejamos nossas derrotas e vitórias com vocês, queridas leitoras brasileiras, e sabemos que tudo pode ser muito pior do que imaginamos. Temos uma missão: cuidar da nossa grande matéria que está em perigo. Contamos com vocês, e vocês podem contar com a gente. Estamos juntas.

E para terminar como começamos, queremos compartilhar mais um segredo. Assim como nos interessa a arte_lin (vocês já

vão ver do que se trata), aquela que está acima e além do mundo da arte, quisemos teorizar a partir da experiência da rua e traduzir a teoria mais acadêmica para as línguas das lokas: desejamos escrever teoria, história e literatura popular. Que a potência feminista siga nos abraçando e alimentando a imaginação política necessária para enfrentar o que vem. Que nunca nos falem os sonhos, nem a astúcia e a organização para fazer que tudo seja como sonhamos.

Com loucura, ambição (:O) e muita força de maré,

Nós mesmas



Introdução do livro *Mareadas na Maré: diário íntimo e alucinado de uma revolução feminista*, de Fernanda Laguna e Cecilia Palmeiro, com tradução de Johari Terra e Luisa Geisler, publicado pela Lote 42 em 2026.

Apresentamos três poemas e um conto inédito de Thássio Ferreira, poeta e ficcionista, às vezes. Em dúvida, quase sempre. Autor de *Nunca estivemos no Kansas* (2022, contos); *lagarta chã* (2023), *agora* (depois) (2019), *Itinerários* (2018) e *(DES)NU(DO)* (2016), todos de poesia. Vencedor dos prêmios Cidade de Manaus, Off-Flip e Editora UFPR; finalista do Prêmio Sesc. Um dos realizadores da **Casa Queer** na Flip 2023. Para mais: thassioferreira.com

#geopolítica

eu muito
latinoamericano em berlim
voltando da viadagem
(para isso vamos a berlim)
puxo papo
com o taxista

turco
animado com o BRICS
ora ora economia
e geopolítica
no meio da madrugada

sim sim concordo
you know, europeans
have ruled the world
for too long

e pensar que foi a china
quem inventou a pólvora

melhores amigos

(para Rodrigo)

o coração do seu pai
está bem?

está
-vel

e você tá
com saudades
do seu boy?

tô sim
com saudade de levar
leitinho no cu

...

peguei um gostoso
lá em portugal

agora
com o dionísio?

não antes
em lisboa
com o alessio

e essa obsessão
greco-latina?

eu sou muito
clássica eu

**“você goza com o que tá na sua cabeça,
não com quem tá na cama”**

(Caio Fernando Abreu)

como operar dois sistemas
ao mesmo tempo
(puglia aprovaria)

o prazer sensorial
de meter
a fantasia desejante
em dar

(o fantasma na máquina)
até o gozo

Areia do Saara

Estamos mais perto de deus, assim, numa desfaçatez, feito uns bispos da idade média, imagina, ao ponto de dizer isso pra câmera, pá! Só porque moram numa cobertura, a alienação...

Qual o nome do documentário?

Um lugar ao sol. Um outro, playboyzinho, aparece tocando guitarra e diz que nada ali, ele sozinho na porra da sala imensa, nada ali é herança. Que os pais ralaram muito. Ora ora ora, então. Imagina o sangue frio do diretor pra aguentar, sem rebater o óbvio.

Essa palavra.

Óbvio?

Também. Um pouco. Mas eu tava falando de playboyzinho.

Ah, sim. Da nossa época, né. Aliás, da nossa época também. A expressão.

— pausa no papo, risinhos meio cúmplices. pra onde levar a conversa?

Rosa. Tipo, a cor.

Total! Dourado também, assim, quando tem intenção de parecer algo caro, saca? Além de cafona.

Nossa, sim! Super clichê.

— novo silêncio, sem risos agora, os rostos mais próximos

Mas por que a gente começou a falar de clichês mesmo?

Você perguntou se eu era ativo ou passivo. Daí provoquei.

— copos long necks litrões o tempo embaçado

Mas e aí? Você não me respondeu.

Boy, eu sou a chuva que lança areia do Saara sobre os automóveis de Roma.

— línguas tudo são línguas (mesclando-se & dissolvendo)

A CASA QUEER é uma projeto de construção coletiva. O apoio de quem acompanha nosso trabalho é fundamental, por isso, a participação nas campanhas de financiamento coletivo, são de grande importância para sua manutenção e continuidade.

Quem já ajudou em 2026 nosso projeto:

Alex Carolino Francisco, Ariadny Pérsia Theodoro Ramos, Blaz Masle, Bruna Irineu, Cristina Fürst, Fabio Eduardo Paranhos, Felipe Barros, Felipe Cabral, Fellipe Fernandes Cardoso, Gilberto Gomes da Silva Junior, Ivan R. Martín, Jorge Caê Rodrigues, José Ricardo Oriá, Kelly Amaral, Laura Bacellar, Larissa Mundim, Miriam Espósito, Pedro Oliveira, Rafael Cabral, Ricardo Akira, Reginaldo Moreira, Ronan Nascimento, Sabina Anzuategui, Samir Funchal, Thássio Ferreira, Thiago Souza, Vanessa Pessoa e Vitor Kappel

**Para apoiar, acesse
www.casaqueer.com.br**

PATROCÍNIO MASTER



PARCERIA



EXPOSITORES



APOIO



REALIZAÇÃO





NOSSO INSTAGRAM: @acasaqueer

www.casaqueer.com.br

CASA
QUEER

ISBN 978-659916186-5



9

@edicoescandido

edicoescandido.com

cândido

apoio

